

A brutal sensibilidade da metamorfose: Sesc Fábrica da Pompéia como máquina de guerra

Ricardo Luis Silva

Centro Universitário SENAC, Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823, São Paulo, Brasil, ricardo.lsilva@sp.senac.br

RESUMO

Neste artigo se apresenta um rizoma deleuziano conceitual sobre uma possível reflexão acerca de uma obra arquitetônica, um sujeito, uma ideologia e um jogo. Serão condensados momentaneamente neste platô (entre tantos possíveis), Lina Bo Bardi arquiteto, o conjunto edilício Sesc Pompéia, a ideologia do trabalho em sua dialética com a preguiça, o conceito máquina de guerra e a metamorfose do sujeito como meio. Tudo isso como uma possibilidade de leitura reflexiva sobre a postura de um lugar: agenciar a metamorfose do *Homo Faber* em *Homo Ludens*.

Do *Homo Faber* de Hannah Arendt ao *Homo Ludens* de Johan Huizinga, da antiga fábrica de tambores Ibesa ao centro esportivo de lazer da unidade do SESC na Pompéia, este artigo tecerá uma análise conceitual da metamorfose agenciada. A construção de uma máquina de guerra, um Lugar fenomenológico capaz de subverter uma lógica ideológica da sociedade contemporânea, a unidimensionalidade do trabalho. Uma apropriação arquitetônica, até certo ponto sutil – apesar da monumentalidade crua do concreto, que transformou um ambiente do sofrimento laborioso fabril em lugar da possibilidade do nada fazer, do inútil, do preguiçoso, do sujeito. A metamorfose do espaço que controla o corpo e a alma alienados do operário em um lugar onde o mesmo operário pode conhecer a si, encontrar a liberdade da preguiça e do ócio. Cidadela da Liberdade. Máquina de guerra da liberdade do sujeito.

Palavras-chave: Rizoma. Homo Ludens. Máquina de guerra.

ABSTRACT

This article presents a conceptual Deleuzian rhizome about a possible reflection on an architectural work, a subject, an ideology and a play. Will be briefly condensed this plateau (among many possibilities), architect Lina Bo Bardi, the building SESC Pompeia, the ideology of labor in its dialectic with laziness, the concept of war machine and the metamorphosis of the subject as a means. All this as a possibility for reflective reading about the *genius loci* of a place: to facilitate the metamorphosis of Homo Faber in Homo Ludens.

From Hannah Arendt's Homo Faber to Johan Huizinga's Homo Ludens, from an old cask factory to a sports centre unit at Pompeia, this article will weave a conceptual analysis of facilitated metamorphosis. The construction of a war machine, a phenomenological place able to subvert ideological logic of contemporary society, the one-dimensionality of labor. An architectural appropriation to some subtle point - despite the monumentality raw concrete, which transformed an environment of suffering laborious manufacturing instead of the possibility of doing nothing, the useless, the lazy, the subject. The metamorphosis of space that controls the body and soul of alienated labor in a place where the worker can know yourself, find freedom from sloth and idleness. Citadel of Liberty. War machine liberty of the subject.

Keywords: Rhizome. Homo Ludens. War Machine.

A BRUTAL SENSIBILIDADE DA METAMORFOSE

Sesc Fábrica da Pompéia como máquina de guerra

Tecer uma análise arquitetônica do edifício do Sesc Pompéia, de Lina Bo Bardi, em 2013, ano em que tal edifício ultrapassa a faixa dos 30 anos de uso e apropriação, certamente seria redundante, improdutivo, enfadonho e em grande parte desnecessário. Muito já se escreveu, se fotografou, se registrou e se vivenciou da arquitetura daquele edifício. Autores de maior calibre já descreveram e analisaram os espaços, os materiais utilizados, as situações poéticas e as trocas sociais ocorridas nos pavilhões construídos ou reformados por Lina. De livros monográficos, teses e dissertações, artigos, documentários e ensaios, teríamos uma grande quantidade – com qualidade – de material analítico sobre a arquitetura do Sesc Pompéia.

Pretende-se com esse artigo acrescentar um personagem e contribuir com a produção de conhecimento da seminal fase da história da arquitetura brasileira, Lina Bo e o Brutalismo, sob um aspecto ainda pouco explorado nas análises anteriores: uma leitura teórica e conceitual do projeto arquitetônico formalizado após uma intenção também conceitual da arquiteta.

Uma intenção irresponsável e não declarada, mas certamente consciente de Lina ao visitar os antigos galpões desocupados da fábrica de tambores da Pompéia à pedido de Renato Requixa e Gláucia Amaral, então diretores do Sesc em 1977. A possibilidade de metamorfose daquele território. Mesmo sem saber, no princípio, da importância histórica dos elementos tectônicos dos galpões, Lina percebeu, sensivelmente, que a metamorfose ali era possível. Duas metamorfoses: a do espaço do labor em lugar da liberdade, do trabalho em lazer, e a do operário em sujeito, do Homo Faber em Homo Ludens.

Método

O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza. (...) Ele (rizoma) não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. (...) se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. (Deleuze e Guattari, 1995: 32)

Antes ainda de aprofundar a análise conceitual proposta, vale salientar o método de construção da reflexão e organização textual que se utiliza no artigo. Os conceitos serão tratados como platôs Deleuzianos que se conectam multiplamente formando um emaranhado textual, possibilitando a leitura não linear das partes. Por isso aconselha-se não construir um raciocínio linear de leitura do texto, abrindo e sugerindo as possibilidades de inversão ou até omissão das partes. Interessa o percurso rizomático por tais platôs. Como última recomendação aconselha-se apropriar-se das linhas de fuga possivelmente geradas durante o caminhar pelas palavras e conceitos.

Metamorfose agenciada

Ao passar pelos portões da rua Clélia, algo no ar invade o indivíduo e cria neste corpo uma mudança irreversível. É uma sentença. Impossível não perceber a capacidade magnética que os espaços do Centro de Lazer do Sesc Pompéia assume sobre os visitantes e usuários. Dentro dos galpões deixamos de ser usuários e visitantes, nos transformamos em indivíduos, sujeitos. A condição de nossa constituição individual e crítica é indiscutivelmente alterada. Sofremos naquele momento uma metamorfose, tão poética como a de Gregor Samsa quanto corporal, semelhante à borboleta. Uma metamorfose sem alteração da forma é verdade. Não uma mudança para uma coisa nova, mas uma mudança para algo diferente. Ao vivenciarmos os espaços do Sesc Pompéia metamorfoseamos nossa relação com o outro, com o espaço da cidade. Admito que essa metamorfose passe despercebida pela grande maioria, por isso cabe a nós refletirmos sobre estas possibilidades.

Espaço fabril e Homo Faber

Ponto crucial para que a reflexão proposta aqui tenha um sentido, compreender a utilidade inicial dos galpões da rua Clélia é assimilar o cerne das metamorfoses agenciadas por Lina Bo Bardi. Conjunto construído para abrigar uma fábrica de tambores, o espaço dos galpões está impregnado de uma memória do trabalho, do labor. E este trabalho, se acompanharmos o pensamento de Herbert Marcuse, é proveniente da Sociedade Unidimensional, onde

O aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Oblitera, assim, a oposição entre existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais. A tecnologia serve para instruir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. (MARCUSE, 1979: 18)

Sociedade que desenvolve dentro deste espaço fabril um operário alienado, reprimido e perversamente dominado. Corpo e desejos dominados pela necessidade construída na Sociedade Unidimensional, no trabalho. Pensar o indivíduo como um Homo Faber (Homem que fabrica) inserido nesta sociedade é associá-lo diretamente ao controle de suas liberdades. O corpo nesse ambiente fabril é aniquilado em sua individualidade e direito. Marcuse aponta isso:

Neste sentido, as necessidades humanas são necessidades históricas e, no quanto a sociedade exige o desenvolvimento repressivo do indivíduo, as próprias necessidades individuais e o direito destas à satisfação ficam sujeitos a padrões críticos predominantes. Podemos distinguir tanto as necessidades verdadeiras como as falsas necessidades. “Falsas” são aquelas superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. (...) Então, o

resultado é euforia na infelicidade. A maioria das necessidades comuns de descansar, distrair-se, comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertence a essa categoria de falsas necessidades. (MARCUSE, 1979: 26)

E nesse ponto, não submeter-se e questionar esse ambiente é uma atitude de extrema força e extenuante atenção. Constituir-se como sujeito, abandonando a unidimensionalidade, é tarefa árdua ao operário já condicionado.

Elogio ao lugar e Homo Ludens

Tendo plena consciência da aura fabril impregnada naqueles espaços, e ainda existente em vários detalhes construtivos típicos, nos restos e rastros dos fluidos industriais, e vivenciando os espaços propostos por Lina, fazemos aqui um claro elogio ao Lugar. Em maiúsculo referenciando-nos no conceito Fenomenológico de Heidegger e Norberg-Schulz.

E ao assimilarmos agora o Lugar, fica evidente a primeira metamorfose agenciada pela intenção arquitetônica: a transformação do ambiente perverso do trabalho fabril, que controla e aliena o corpo-trabalhador-homem unidimensional, num Lugar da possibilidade verdadeira.

Um Lugar onde o corpo alienado do trabalhador tem a possibilidade de conhecer a si, encontrar a liberdade da preguiça, do errar, do nada fazer, do fazer sem propósito, do encontrar sem propósito, do exercitar sem propósito. Naqueles espaços vazios, cheios de poltronas, riachos, mesas de concreto, mesas de xadrez, mesas de ideias, luzes confusas e sombras esclarecedoras. Texturas velhas como novas logo ao lado de outras bem novas já envelhecidas. Dos objetos colocados sem propósito, maravilhosamente inúteis, pedindo para serem tocados. E ao tocá-los, vivenciá-los, o corpo do operário (incluindo aí comerciários matriculados, usuários e visitantes perdidos) é impregnado com essa interessante inutilidade.

O corpo tão solicitado a ser útil, servir para algo, produzir positivamente, encontra naquele Centro de Lazer um agenciador das potências individuais, uma zona opaca – como queria Milton Santos – onde é verdadeiramente possível questionar as certezas, aceitar as dúvidas, encontrar o preguiçoso e o inútil. Uma monumentalidade crua e concreta – de concreto – solicitando e oferecendo a possibilidade do desnudar do corpo, do metamorfosear-se e constituir-se como sujeito, com necessidades e desejos verdadeiros e individuais, mais reflexivo e consciente dentro da sociedade unidimensional.

Máquina de guerra

Seria possível repetirmos a experiência do Sesc Pompéia em outros ambientes da cidade? Pensar nessa reflexão arquitetônica-filosófica como uma máquina de guerra contra a atual e super perversa Sociedade Unidimensional?

É nesse ponto muito preciso que a linha de fuga, e a linha vital abstrata que esta efetua, se transformam em linha de morte e de destruição. A “máquina” de guerra (daí seu nome) está, pois, muito mais próxima da máquina abstrata do que, desta, está o aparelho de Estado, aparelho que faz perder sua potência de metamorfose. (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 230)

Aquele momento foi único? A arquiteta certa, na ditadura certa, no espaço fabril desativado certo, no programa arquitetônico funcional certo, no momento certo? Aquela brutal sensibilidade da metamorfose é passível de reapropriação?

Diríamos sim para esta última pergunta. Bastaria a nós apenas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Deleuze, Gilles, e Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Deleuze, Gilles, e Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5.** São Paulo: Editora 34, 1997.

Huizinga, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

Marcuse, Herbert. **A ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Novaes, Adauto (Org.). **Mutações: elogio à preguiça.** São Paulo: Edições SESC SP, 2012.